O ENSINO DE GEOGRAFIA E OS SABERES ANCESTRAIS EM COMUNIDADES DE TAMANDARÉ – PE.

Apresentação: Pôster

FELIPE, Maria Vitória da Silva.¹; BEZERRA, Nielson da Silva.²

Introdução

Nossa pesquisa é fruto da recente parceria entre a Licenciatura em Geografia do IFPE campus Recife e do Curso de Tecnologia em Agroecologia do IFPE campus Barreiros. Nosso objetivo foi realizar um estudo dos processos formativos que ocorrem em comunidades do município de Tamandaré – PE. Buscamos identificar as fontes de formação do conhecimento que circula nestas comunidades, relacionando estes conhecimentos com o ensino de Geografia.

Fundamentação Teórica

A busca pela validação dos conhecimentos ancestrais em nossa sociedade tem suscitado importantes trabalhos. Num estudo sobre a capoeira, Machado e Abid (2011), apontam a força dos conhecimentos ancestrais para a formação humana, especialmente de jovens e crianças, num importante exemplo de reconhecimento acadêmico frente a práticas e conhecimentos que emergiram de nossa vivência em comunidade e foram transmitidos pelos nossos antepassados.

Assim, ela influencia fortemente no processo de construção identitária dos sujeitos, especialmente os jovens e crianças que integram um grupo/comunidade de Capoeira Angola, assentado em princípios da cosmovisão afro-brasileira, no sentido da sua formação humana integral e integrada, do autoconhecimento e autoestima, da consciência crítica, do respeito à diversidade. Acredito que, em seu emaranhado complexo, humano, contraditório, a capoeira seja uma potência de transformação, de educação inclusiva, questionadora, libertadora e que valoriza a diversidade. (Machado e Abid, 2011, p.16)

¹ Licenciatura em Geografia, IFPE, mvitoriafelipe@gmail.com

² Mestre em Educação, IFPE, nielsonbezerra@recife.ifpe.edu.br

Outro estudo, desta vez do professor Ariovaldo Oliveira (2002), demonstra, através de um resgate histórico, a profunda articulação entre violência contra populações ancestrais e modo de produção e dominação capitalista. Ainda neste estudo, o autor localiza e valoriza a resistência dos movimentos sociais e das populações ancestrais em importantes recortes históricos.

Diante destas questões é necessário observarmos que “É preciso insistir que tudo quanto fazemos em aula, por menor que seja, incide em maior ou menor grau na formação de nossos alunos” (Zabala, 1998, p. 29).

Metodologia

Nossa pesquisa tem como referência metodológica a pesquisa qualitativa de cunho participante. Buscaremos, a partir da imersão nas comunidades do município de Tamandaré – PE, entender como se processa e de quais fontes emanam a produção dos saberes nestas comunidades.

Como fase permanente de nosso estudo realizamos um aprofundamento teórico cujo tema foi Ancestralidade e o Ensino de Geografia na Educação Fundamental, e a articulação destes com os conhecimentos da Agroecologia. Essa estratégia acompanhou toda a pesquisa, de modo a articular-se com as demais fases do estudo.

Realizamos uma parceria com uma instituição não governamental, a creche do Padre Enzo, a partir da qual acessamos jovens e crianças de comunidades rurais e urbana do município de Tamandaré-PE. A partir desta atividade definimos que as crianças e adolescentes atendidas por esta instituição seriam as fontes de nosso estudo.

A partir desta definição realizamos um grupo focal com crianças e adolescentes entre 10 (dez) e 14 (quatorze) anos.

Resultados e Discussões

Grupo Focal

O grupo focal foi realizado na entidade parceira (creche de Padre Enzo) com 15 (quinze) crianças e adolescentes de 10 (dez) a 14 (quatorze) anos. Observamos, nesta atividade, uma grande relação entre crenças do grupo e imaginário popular, no que tange narrativa da ancestralidade e memória. Diante disso também compreendemos que.

A memória compõe nossa identidade. É por intermédio da memória que construímos nossa história. Ao construir a memória, construímos a lembrança, que para existir precisa do outro e precisa ser compartilhada. (Pedroso *apud* Brandão, 2006, p. 29)

Sabemos que a memória não é apenas individual, mas também coletiva. Ela é composta por lembranças vividas ou não pelo indivíduo, não pertencendo apenas a ele, mas também a uma comunidade ou grupo social. (Silva; Silva, 2006).

Sendo assim vale ressaltar que há um grande compartilhamento de memórias e narrativas de pais para filhos, que perpassam gerações e se constituem junto à identidade do sujeito, compreendendo o processo identitário (Silva;Silva, 2006)

Podemos observar, por exemplo, as respostas obtidas nas provocações “Qual é sua cor?” E “Como você se vê? ”, onde os interlocutores começam a refletir sobre si, buscando uma auto percepção.

Partindo dessas definições e especulando sobre as respostas obtidas através das questões aplicadas, é possível vislumbrar que em sua grande maioria, os indivíduos se auto identificam como negros ou pardos, “café com leite”; apenas uma pequena parte afirma que “não sabia”. Quando foram provocados para falar sobre histórias que conheciam, e se acreditavam nestas histórias, o grupo apresentou diversas histórias aparentemente “fantasiosas”, mas que pareciam fazer parte do acervo cultural daquele grupo como algo verdadeiro.

Assim, podemos observar que existe um certo reconhecimento aspectos ancestrais entre as crianças e adolescentes, e que também existe um certo conhecimento no que tange ao reconhecimento de raça/etnia.

Observamos que há um grande acervo de histórias da comunidade local, quando foram instigados a falar sobre histórias que seus antepassados já teriam lhes contados, os mesmos se mostraram familiarizados com histórias em comuns, como podemos ler a seguir:

Participante 1: “Tem a história que minha vizinha vira poico de noite...”

Participante 1: “Tem um livro... e tem uma mulé que tem uma folha desse livro lá em (indecifrável)... e esse livro é de coisa ruim. Aí eles lia que era pra ter riqueza e esses negócio. Aí um dia subero e viro. Aí se ver perde tudo. Aí à noite fica virando coisa: poico, cavalo, cachorro, qualquer coisa...”

Participante 2: “Meu vizinho batia na mãe e virou lobisome. ”

Participante 3: “...E ôta que tinha um menino pequenininho, só vivia chamando o menino de porco, um dia ela chegou em casa e o menino tinha virado porco”

Estas histórias são contadas com muita convicção, parecem, portanto, influenciar na construção da subjetividade do sujeito. Observamos também pistas de questões ligadas a Paisagem, Território e Lugar, conceitos importantes para a Geografia e pouco trabalhados no Ensino Fundamental. Podemos observar que há a necessidade de haver um aprofundamento do estudo destas histórias ancestrais e de suas repercussões na formação da subjetividade deste grupo e os conceitos da Geografia.

A partir do grupo focal foi possível conhecer um pouco da subjetividade das crianças e adolescentes da comunidade de Tamandaré-PE, e como os relatos nos fazem ver o quanto a questão de ancestralidade é presente, assim como a questão de identidade e memória coletiva.

Conclusões

Podemos observar que existe reconhecimento de ancestralidade de modo subjetivo, por um lado (através das histórias que surgiu no grupo) e que também há avanço no próprio reconhecimento da identidade, revelada na afirmação “eu sou negro”...

Observamos no grupo que existe um certo reconhecimento de ancestralidade de modo subjetivo, e que há avanço no próprio reconhecimento da identidade de cada um. Nossas análises sugerem a forte relação entre os seguintes conceitos: identidade/território; subjetividade/paisagem; memória coletiva/lugar.

Outros estudos devem ser executados seguindo essas primeiras pistas no sentido de conhecer mais profundamente as relações entre subjetividade, identidade, ancestralidade, por um lado e território, paisagem e lugar por outro, nas comunidades de Tamandaré- PE.

Referências

ACTIONAID, Brasil. AGROECOLOGIA, Articulação Nacional (Orgs). **Mulheres e Agroecologia:** Sistematizações de Experiências de mulheres agricultoras. Vol. 1 Rio de Janeiro, 2010.

BRANDÃO, Ana Paula. **Saberes e fazeres, Volume 3: Modos de interagir**, Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.

MACHADO, Sara Abreu da Mota. ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Corpo, Ancestralidade e Africanidade: por uma educação libertadora no jogo de capoeira Angola. **Entrelaçando – Revista eletrônica de culturas e educação**, caderno temático Educação e Africanidades. Nº 4 p. 1-16, Ano 2, Nov. 2011.

MOREIRA, Ruy. **Para onde vai o pensamento geográfico?** Por uma epistemologia crítica. – São Paulo: Contexto, 2006.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A Geografia das lutas no Campo:** conflitos e violências, movimentos sociais e resistência, os “sem terra” e o neoliberalismo. São Paulo: Contexto, 2002.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos:** 2ª Edição – São Paulo : Editora Contexto, 2006.

SOUZA, Maria Antônio. **Educação do campo:** propostas e práticas pedagógicas do MST. Petrópolis: Vozes, 2006.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa:** como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.